

A INFLUÊNCIA DO PROCESSO AVALIATIVO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Layse Shuellen de Sousa Almeida Oliveira¹
Eraldo Pereira Madeiro²

Resumo

Existe atualmente várias diligências sobre o processo avaliativo dos alunos por parte dos professores. Sabe-se que a avaliar é de grande importância para que verificar se os resultados esperados sobre o ensino-aprendizagem foram alcançados, e se exercer a promoção dos alunos para as séries que se sucedem. Seguindo esse pressuposto, o presente estudo tem por objetivo discutir como o ato de avaliar pode influenciar na relação professor-aluno. Para isso, buscou-se auxílio nas afirmativas de teóricos como Luckesi (1998), Sant'ana (2005) e Moreto (2003) e outros que fazem referências a temática abordada nesse trabalho. Posteriormente, foi realizado uma sondagem feita com alunos de uma escola do ensino fundamental com o objetivo de analisar como tem ocorrido o processo avaliativo em sala de aula e como tem sido a relação dos mesmos com os seus professores em sala de aula.

Palavras chave: Professor-aluno; Ensino-aprendizagem; Processo Avaliativo; Avaliação Escolar.

Abstract

There are currently several due diligences on the student assessment process by teachers. It is known that the evaluation is of great importance to verify if the expected results on teaching and learning have been achieved, and to promote the promotion of students for succeeding grades. Following this assumption, the present study aims to discuss how the act of evaluating can influence the teacher-student relationship. For this, help was sought in the statements of theorists such as Luckesi (1998), Sant'ana (2005) and Moreto (2003) and others who make references to the theme addressed in this work. Subsequently, a survey was conducted with students from an elementary school in order to analyze how the evaluation process in the classroom has occurred and how their relationship has been with their teachers in the classroom.

Keywords: Teacher-student; Teaching and learning; Evaluative process; School evaluation

¹Aluna do 6º período de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins – Campus Araguatins. E-mail: layshuellenn@gmail.com

²Professor Orientador: Doutor em Educação. Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins – Campus Araguatins. E-mail: professormadeiro@gmail.com

INTRODUÇÃO

A avaliação escolar é utilizada como um recurso ao professor para sondar os conhecimentos adquiridos pelo aluno ao longo do ano letivo, utilizada também como passe para que o aluno possa encaminhar-se para a série seguinte, ou até mesmo retê-lo. Cercada de complexidades, o processo avaliativo tem grande influência em sala de aula, seja para crescimento intelectual do aluno, seja para uso diagnóstico de como professor e aluno precisam melhorar seu posicionamento em sala de aula.

Atualmente a educação vem ganhando espaço e isso traz mudanças em todo o contexto que engloba o ato de ensinar e aprender. Partindo dessa conjectura, os métodos avaliativos estão em constante discussões sobre sua aplicabilidade e eficiência, com também suas mudanças. Assim também como sua influência no relacionamento de professor e aluno em sala de aula.

Este artigo propõe a verificação e análise de como a avaliação influi na relação entre professor-aluno, tendo como alicerce a relação professor-aluno em sala de aula e o processo de ensinagem. Para materializar esse estudo, o trabalho terá como eixo bibliográficos autores como:

Moreto (2003) que conceitua a avaliação com o sentido tradicional, assim como o que se espera do aluno, Luckesi (1998) apresentando novos conceitos para avaliação, além de uma visão renovada sobre avaliar, Hoffmann (1993) que defende a avaliação como oportunidade de reflexão e inovação. E Sant'ana (2005) aponta a avaliação da aprendizagem como forma de interação entre professor-aluno.

A estrutura do artigo formou-se a partir de pesquisa bibliográfica e à campo escolar, pois efetuou sondagem através de questionário fechado com alunos, afim de saber como ocorre ao processo avaliativo e a relação dos mesmos com o professor

1. Concepções da avaliação da aprendizagem

A temática processo avaliativo vem acompanhado por uma série de complexidades, ao falar sobre teste, imediatamente vem em nosso pensamento os erros que podem ser cometidos. Avaliar na escola, consiste na verificação da aprendizagem adquirida pelo educando. É a

confirmação que o aluno realmente aprendeu o que foi abordado em sala de aula, Luckesi relata que

Pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos tem sua atenção centrada na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos processos de aprovação/reprovação do total dos educandos. (LUCKESI 1998, p.18)

Assim, a avaliação trata-se muitas vezes de um meio que classifica o aluno como bom ou ruim, ou seja, não se trata de um processo qualitativo, mas principalmente de um processo quantitativo, onde o objetivo principal tem sido selecionar ou excluir o aluno que conseguiu alcançar os objetivos traçadas pelo professor.

As principais teorias pedagógicas utilizadas atualmente na escola são as que valorizam o quanto o aluno consegue “reproduzir” do que foi ensinado em sala, isso porque grande parte do colegiado utilizam a avaliação apenas como meio de aprovação ou não dos alunos, e passam a cobrar apenas conteúdos, para Luckesi (1998, p.18) “o que predomina é a nota: não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos”. Portanto, ao professor cabe transmitir o conteúdo totalmente fechado e avaliar, usando também a avaliação como forma de manter o controle dos alunos em sala; ao aluno ser avaliado e estar apto a absorver a maior quantidade de conteúdo para que no momento da avaliação ele transcreva o que foi decorado e ele alcance o mínimo do que é esperado para tirar boas notas.

Nesse contexto, o aluno é um simples repetidor de informações, muitas vezes não compreendidas ou vazias de significados para ele. Não cabe ao aluno o papel de escolher o que deve ou não saber, nem a maneira pela qual essa aprendizagem deva ser feita. A ele cabe aprender o que é colocado, da forma como foi planejado, e repetir no momento da verificação da aprendizagem (MORETO, 2003, p. 99).

O momento da verificação da aprendizagem citada pelo autor, descreve as avaliações que serão realizadas no final de cada trimestre por meio do sistema de provas, o qual vai medir o conhecimento do aluno naquele período de tempo, essa sistemática é a mais conhecida do meio educacional, e por muitas vezes é o mais difícil. Essa aplicabilidade confirma muitas vezes que os alunos em sua maioria “fracassam” e ficam mais próximos da reprovação escolar, tornando a avaliação repreensível e punitiva.

2. Avaliação da aprendizagem e seus desafios no processo de ensinagem

A avaliação é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem e o estudante deve ser avaliado continuamente pelo aparato de informações que agrega ao longo da sua trajetória escolar e de acordo com aquilo que é capaz de realizar dentro desse processo de ensinagem, o

docente não percebe a avaliação, “como um processo de permanente troca de mensagens e de significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de ideias entre educador e educando em busca de patamares qualitativamente superiores de saber” (HOFFMAN, 1993, P.76).

Para Hoffmann (1993, p.11) entre os muitos coeficientes que influenciam a prática tradicional alvo de críticas ao longo da história da educação Brasileira, “desponta sobre maneira a crença dos educadores de todos os graus de ensino na manutenção da ação avaliativa classificatória como garantia de um ensino de qualidade, que resguarde de um saber competente dos alunos”. Ou seja, muitos professores ainda entendem que as absorções dos conteúdos escolares pelo aluno só podem ser medidas através de uma escala numérica que vai dizer o quanto este aprendeu negando as experiências de vivências múltiplas deste estudante o transformando eu um ser paciente e receptivo.

Essa forma de avaliar deveria estar obsoleta, pois hoje é sabido de que não é possível conceber o rendimento escolar do estudante para além do julgamento ou de atribuir notas, vislumbrando melhores adaptações didáticas e implementando elementos capazes de alcançar as especificidades de cada turma, pois segundo Luckesi, (2003, p. 25). “Pedagogicamente, a avaliação da aprendizagem, na medida em que estiver polarizada pelos exames, não cumprirá a sua função de subsidiar a decisão da melhoria da aprendizagem”.

Luckesi (2003, p. 18) ao tratar da atividade avaliativa afirma que “o nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/ aprendizagem”. Esta contextualização do autor segue a mesma linha de entendimento de Hoffmann (2009, p.17) que afirma que a avaliação possui a função propulsora que “inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam”, e deixar o aluno a margem do processo não é mais aceitável, pois:

A avaliação é um processo em que sua primeira fase se denomina avaliação inicial. [...] O conhecimento do que cada aluno sabe, sabe fazer e como é, é o ponto de partida que deve nos permitir, em relação aos objetivos e conteúdos de aprendizagem previstos, estabelecer o tipo de atividades e tarefas que têm que favorecer a aprendizagem de cada menino e menina. Assim, pois, nos proporciona referências para definir uma proposta hipotética de intervenção, a organização de uma série de atividades de aprendizagem que, dada nossa experiência e nosso conhecimento pessoais, supomos que possibilitará o progresso dos alunos. (ZABALA, 1998, p. 199)

Esclarecida a função da avaliação abre-se um canal observatório de análise onde é possível afirmar que a avaliação qualitativa tem sido negligenciada ao longo dos anos por muitos professores em razão de não conseguirem mobilizar na prática as novas propostas

pedagógicas que relacionam o caminho do aprender do aluno com meio histórico e cultural em que este estudante interage desde o momento que sai do seu grupo social até a entrada no sistema educacional de ensino.

Por outro lado, muitas vezes o professor não consegue notar sentido nos métodos didáticos e, é então que a responsabilidade dessa lacuna se deve ao próprio sistema educacional brasileiro que por sua vez não consegue atuar com eficiência para promover qualificação e/ou capacitação aos docentes, o que faz com que a avaliação escolar perca sua utilidade precípua na sua dinâmica de identificação dos conectivos que poderiam levar o docente a perceber os pontos fracos dos alunos promovendo a ampliação dos saberes observando e colocando em prática a avaliação enquanto processo contínuo da ação e reflexão tanto do professor como do aluno, haja vista que:

A ampliação do campo da avaliação não significa dar lugar de destaque aos testes e seus resultados e ao ranqueamento de estudantes e escolas. Avaliar não é aplicar testes e usar seus resultados de maneira competitiva e irresponsável. A avaliação é o processo contínuo de análise e reflexão sobre as aprendizagens dos estudantes e sobre o trabalho pedagógico da sala de aula e o de toda a escola, acompanhado da formulação de meios para seu avanços. (VILLAS BOAS, 2017, p.24)

Na projeção do alcance do espaço ocupado pela avaliação, Villas Boas (2017, p.33), afirma que a avaliação está “presente em todos os momentos da sala de aula, devendo ser sistematizada no plano como orientadora de toda a prática”. Sendo dessa forma um dispositivo que deveria alcançar os dois protagonistas constituintes do processo de ensino e aprendizagem enquanto sujeitos de produção de saberes, o avaliador e o avaliado identificados como professor e aluno que estão em pontos diferentes e em condições desiguais no que se refere a pluralidade concernente aos saberes escolares e sistematizados, mas ambos com os mesmos interesses sociais.

Zabala (1998, p.197) assinala que “a função social do ensino não consiste apenas em promover e selecionar os mais aptos” para o autor a ação de ensinar para avaliar perpassa por dimensões maiores, visto que o objetivo principal do ensino segundo ele é “o desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa e não apenas as cognitivas (p.197) e, portanto, no decorrer do processo de ensinagem muita coisa pode mudar inclusive os pressupostos iniciais norteadores da avaliação no sentido de que:

[...] A maneira de ver o aluno e de avalia-lo é essencial na manifestação do interesse por aprender. O aluno encontrará o campo seguro num clima propício para aprender significativamente, num clima em que se valorize o trabalho que se faz, [...] num clima que potencializa o interesse por empreender e continuar o processo pessoal de construção do conhecimento. (ZABALA, 1998, p. 96)

Esses aspectos apontados acima pelo teórico e que indicam possíveis caminhos para mobilizar a ação pedagógica em nada tem a ver com eximir a avaliação do processo de ensino e aprendizagem, nem esse estudo se propõe eliminar a aplicação dos testes ou as exaustivas problemáticas concernentes a avaliação escolar, mas trazer a luz reflexões que contribuam para diminuir as dificuldades inerentes a percepção mensurativa que muitos professores tem sobre avaliação, ao utiliza-la apenas enquanto instrumento quantificador de conhecimentos não a percebendo tal qual sua razão pedagogia de existência no sentido contínuo de analisar e refletir sobre o processo de aprendizagem dos alunos.

3. As relações interativas no contexto de sala de aula

A escola é um espaço de interação social ocupada pelas diferentes organizações culturais e sendo ela um ambiente de produção de saberes, afirmação de identidades e propulsora dos valores sociais da educação, a escola quase sempre protagoniza relações conflituosas e a mediação desses conflitos, e acaba por ter sua função precípua confundida com as atribuições familiares sendo responsabilizada muitas vezes pela má conduta de muitos estudantes.

Cumprir notar que a indisciplina surge como um dos aspectos negativos que permeia o universo pedagógico e implica negativamente no desenvolvimento cognitivo do aluno e essa noção de indisciplina dentro ou extramuros escolares está claramente representada pela conduta do alunado que não aceita seguir regras nem cumprir determinações educacionais o que pode vir a ser uma questão racional para justificar o baixo rendimento escolar no ensino fundamental e o fracasso do ofício da docência.

Ao se reportar ao fracasso dos educadores em relação ao seu ofício da docência, a indisciplina e o desinteresse do aluno como fatores que influenciam na reprovação dos estudantes, Arroyo (2008, p. 57) afirma que “Prática que nada resolve, que deixa tudo no mesmo lugar, nos deseduca” A crítica do autor recai justamente na ação didática do professor que segundo ele não deve nem arranjar “jeitinhos inovadores”, nem radicalizar no trato com os estudantes, mas ir além das contemporaneizações reveladas por intervenções imediatistas.

Evidentemente que o autor não recomenda receitas milagrosas capazes de eliminar tal problemática, visto que não há um manual ou uma prescrição que indiquem ou orientem como acabar com as ocorrências disciplinares na escola que cada vez mais toma uma dimensão significativa e que afeta os relacionamentos interpessoais entre alunos que não pensam a escola como um aparelho transformador da sociedade e dos professores que são prejudicados e de

certo modo impedidos de realizarem a intervenção pedagógica o que pode ser um indicador que revela o número elevado de reprovações.

Para Arroyo (2008, p. 58). “A não contemporalização com saídas fáceis, com reforminhas e a radicalização das intervenções é uma questão de profissionalismo. Não temos o direito de brincar com os educandos”. Sob essa valia da não estratégia do ensinar por meio de saberes fechados, tentativas oriundas de modismos ou da ação didática alternativa que são demandadas por vezes via cópia de outras realidades e que não definem princípios nem caminhos, nem consideram todos os elementos necessários para que o professor possa avaliar o aluno, e por isso mesmo não tem como alcançar os objetivos concernentes a avaliação da aprendizagem, pois:

A avaliação só será eficiente e eficaz se ocorrer de forma interativa entre professor e aluno, ambos caminhando na mesma direção, em busca dos mesmos objetivos [...]. O aluno não será um indivíduo passivo; e o professor a autoridade que decide o que o aluno precisa e deve saber. (SANT’ANA, 2005, 27)

Essa premissa sobre a avaliação compõe deveria nortear o planejamento participativo e subsidiar a prática do professor continuamente servindo de instrumento de reflexão, a fim de superar a visão de isolamento entre o caminho percorrido no processo de aprendizagem do estudante e o objetivo final de modo que esse procedimento ocorra numa via de mão dupla entre o aluno que aprende mediado pela ação do professor que deve descartar os métodos tradicionais e passar a utilizar os métodos investigativos capazes de alcançar a diversidade não apenas do mundo numérico e simbólico, mas dos conteúdos necessários para sua evolução cognitiva, desse modo:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. (FREIRE, 2018, p. 28)

De certo que há diferentes práticas docente, mas saber direcionar questões que envolvem a indisciplina discente através da interação social até a construção dos saberes necessários pelo aluno passa pela premissa de que não há disciplina sem rigor, e nesse sentido com o entendimento de que para vencer comportamentos inadequados que podem dificultar a

aprendizagem do aluno, o professor deveria segundo Freire (2018, p.96) “compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”, e sendo assim existe a necessidade de avaliar para o aparar das arestas que emergem para além das relações interpessoais, de conflitos e de acúmulo de conteúdo, mas com ênfase na articulação entre os saberes e a realidade histórica e social do aluno, considerando que:

Os alunos, desde cedo, precisariam ser orientados para dar um sentido ao estudo; [...] na tríplice articulação entre compreender o mundo em que vivemos, usufruir do patrimônio acumulado pela humanidade e transformar este mundo, qual seja, colocar este conhecimento a serviço da construção de um mundo melhor, mais justo e solidário. (VASCONCELOS, 2005, p. 69)

A indisciplina discente no contexto de sala de aula enquanto fator negativo contribuinte para o baixo desempenho da aprendizagem deste, está atrelada há vários fatores como a injustiça social, a falta de sentido presente nos conteúdos curriculares e a liberdade mal conduzida tanto pela família, quanto pela escola e deve ser problematizada pelo professor numa relação dialética, de escuta concomitantemente as reflexões diversas entre as quais, conforme Freire (2018, p.103), afirma cabe ao educador a tarefa de saber e fazer o aluno entender que “A liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada.”

Sendo aluno e professor partes dos grupos históricos-sociais bem definidos no processo de ensino e aprendizagem devem romper fronteiras, a fim de ressignificar a dimensão e a finalidade da avaliação enquanto uma das etapas das atividades escolares de modo que o aluno se perceba valorizado por aquilo que superou e não pelas expectativas do professor em relação há objetivos traçados muitas vezes para si e não para o outro.

4. Metodologia

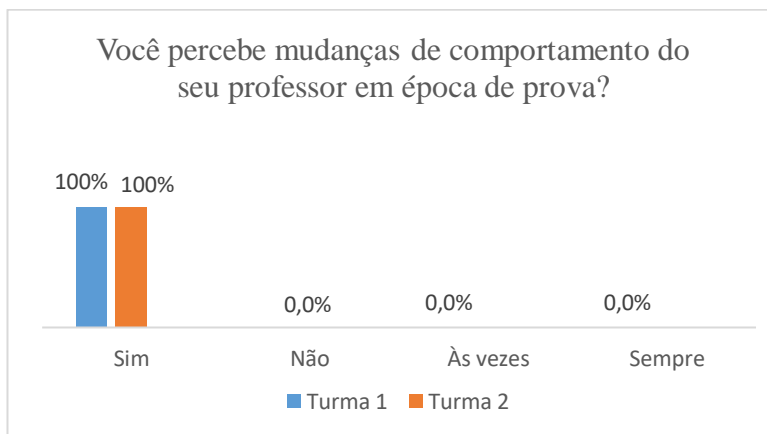
Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado uma pesquisa bibliográfica de teóricos que trazem abordagens em suas temáticas favoráveis ao tema abordado e um questionário investigativo com duas turmas de estudantes, sendo 18 alunos da Turma 1 e 20 alunos na Turma 2, em uma escola de Ensino Fundamental II. Nele os discentes responderam a cinco questões fechadas e objetivas relacionadas a avaliação e à relação entre professor-aluno em sala de aula.

Os resultados obtidos, visam mostrar concordância com o que dizem os teóricos sobre avaliação, processo de ensinagem. Além de mostrar como o professor se relaciona com o aluno e a participação dos mesmos na escolha de metodologias avaliativas.

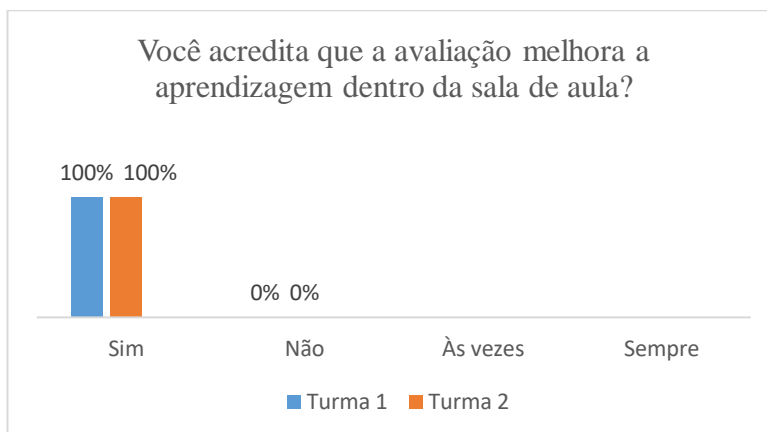
5. Análise de dados e Resultados

Objetivando tornar concreto as abordagens aqui levantadas, os alunos responderam a 5 perguntas relacionadas ao processo avaliativo a relação entre professor-aluno. Os dados obtidos visam tornar concreto as informações abordadas ao longo do trabalho.

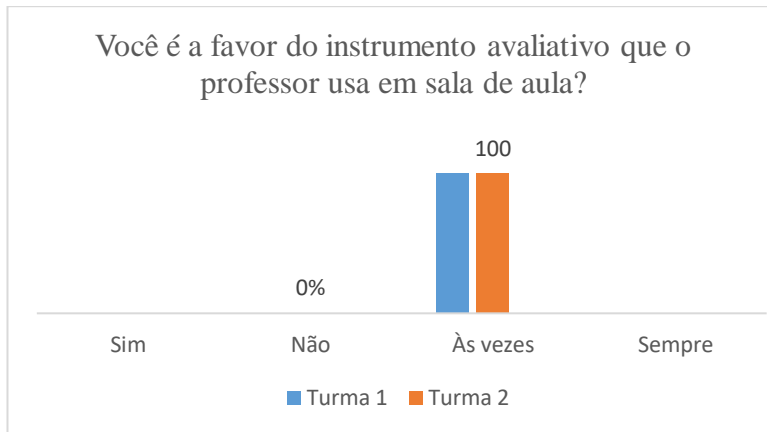
Para melhor compreensão do leitor, será apresentado as perguntas feitas aos alunos e um gráfico que com respostas e porcentagens para melhor compreensão:



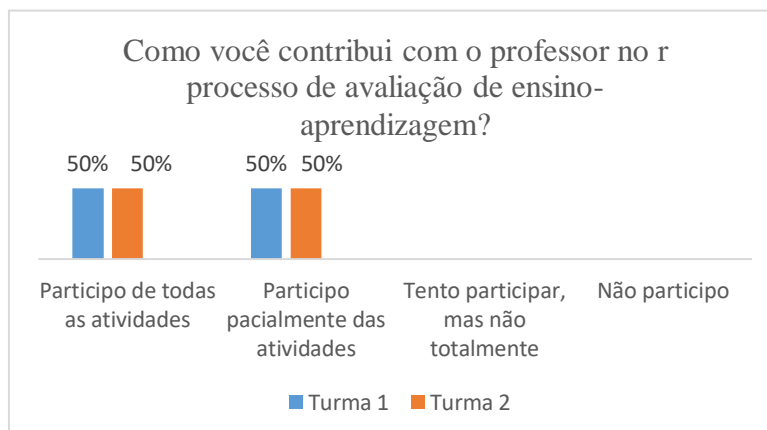
Na questão 1, observa-se que todos os alunos (100%), em ambas as turmas notam diferenças de comportamento em seus professores na semana da prova. Sendo assim pressupõe-se que o ato de avaliar, afeta ambas as partes no processo.



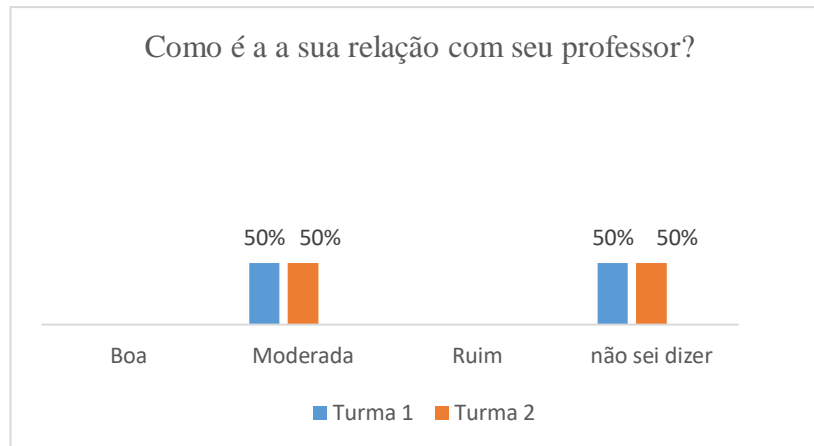
Na questão 2, em sua totalidade (100%) os alunos concordam que a avaliação melhora a aprendizagem dentro da sala de aula. O que confirma que os alunos acreditam que o fato de serem avaliados, confirma que eles conseguiram aprender o que foi proposto em sala de aula.



Em resposta à questão 3, todos (100%) os alunos não concordam com a metodologia utilizada pelo professor para avaliar os alunos em sala de aula.



Observa-se que a questão de número 4 traz divisão de opiniões quando questionados sobre sua participação ativa no processo avaliativo, onde metade (50%) dos alunos afirmam que participam de todas as atividades e o restante (50%) afirmam participar, mas não totalmente. Surge aqui resquícios de insatisfação com as decisões tomadas pelo professor.



A 5ª e última questão traz uma pergunta de grande importância para a temática aqui abordada, ao serem questionados sobre a relação entre professor-aluno em sala de aula, a turma volta a se dividir, metade (50%) responderam que a relação entre eles e o professor é moderada, porém a resposta preocupante vem do restante da turma (50%) que afirmam que não sabem dizer sobre essa relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme as discussões aqui apresentadas, nota-se que os métodos avaliativos atualmente utilizados em sala de aula, trazem muitas vezes resultados precipitados de como a aprendizagem têm sido adquiridas pelos alunos. Avaliá-los apenas mediante provas realizadas, nem sempre confirmam que realmente os alunos aprenderam e estão aptos a avançarem de série escolar.

É notável que a avaliação é de grande importância para o ambiente escolar, mas que está também necessita ser reformulada para que sua aplicação não seja apenas com o intuito de qualificar ou não o aluno, mas que seja utilizada como instrumento de melhoria para a metodologia do professor diante dos alunos.

É importante salientar, que o professor não deve colocar a avaliação como algo meramente burocrático, mas sim como instrumento de melhoria na qualidade de ensino. Pois como visto nos resultados dos questionários, o autoritarismo de avaliar está somente incumbido somente ao professor, cabe a ele escolher como fará, quando e de sob que circunstâncias, este usa a avaliação muitas vezes para o controle dos alunos em sala de aula e de forma punitiva. Fazendo da relação professor-aluno muitas vezes conflituosas dentro de sala.

Quando professor e aluno passam a entender que ambos fazem parte da ação avaliativa e que ambos devem estar em constante transformação e construção do conhecimento, o olhar sobre esse cenário mudará de forma significativa, para MORALES, (2003, p. 46) o professor poderá utilizar dados como número de reprovação, para avaliar o processo e tomar decisões que ajudem a melhorá-lo.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HOFFMANN, Juçara. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

_____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção: da pré-escola à universidade**. 31. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

MORALES, Pedro. **Avaliação escolar: o que é, como se faz**. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.

MORETO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1995.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (org). **Avaliação: Interações com o trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papirus, 2017

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. (tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.